

EDITORIAL

O valor singular das histórias de vida está naquelas frações do material que mostra as repercussões que as experiências de vida de um homem – compartilhadas ou idiossincráticas – têm sobre ele, enquanto ser humano moldado naquele ambiente.

Sedney W. Mintz

Tomando este pensamento de Mintz como referência, torna-se possível trazer para este Editorial, da primeira edição da Revista Professare, em 2018, um diálogo com Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, sobre um dos problemas das sociedades atuais, cuja base tem como fundamento a crise estrutural do capital que centraliza a existência humana nas relações de poder de compra: “somos aquilo que podemos comprar” (BAUMAN, 2009).¹ Essa visão mercantil está moldando, incessantemente, a vida das pessoas e, também, a forma de organização das instituições.

Constitui-se, nesse processo, um modelo de vida individual, social e/ou institucional norteado por uma forma de pensamento econômico-social que se convencionou chamar de neoliberalismo; uma teoria econômica que tem no mercado, no negócio, no ganhar dinheiro sem mensurar consequências a lógica do sistema capitalista atual. Assim, o mercado se tornou o grande denominador da existência, dando a impressão que só existimos para consumir.

As consequências deste ambiente parecem indicar que não temos mais história, como queria Francis Fukuyama (1992) com sua obra “O Fim da História e o Último Homem”,² pois o destino está

¹ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. São Paulo: Zahar, 2008.

² “O Fim da História e o Último Homem foi escrito no calor dos eventos que levaram à queda do Muro de Berlim (1989) e ao fim da União Soviética (1991), e escancararam para o mundo as contradições e os problemas vividos pelo mundo socialista”. Disponível em: <<https://bertonesousa.wordpress.com/2017/05/09/o-que-fukuyama-realmente-escreveu-em-o-fim-da-historia/>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

definitivamente traçado. Ao se observar as últimas décadas, vê-se que a existência humana tem a angústia como o sentimento mais presente. Na concepção de Chesnais (1997, p. 7),³

[...] a angústia vivida pelas grandes massas, praticamente no mundo todo, vem da constatação pela classe operária, pela juventude e pelas massas oprimidas, da degradação acelerada das suas condições de existência: ressurgimento e permanência do desemprego, precariedade das condições primárias de existência, destruição da proteção social, ressurgimento da fome ou, mesmo onde não há fome, novas epidemias, nova decadência tanto individual quanto social, arrogância das classes possuidoras e de uma sociedade que volta a ostentar a riqueza de uns aos olhos de todos os que não têm nada.

Os princípios mercantis, que bombardeiam as pessoas através das propagandas, são tão determinantes na sociedade atual que, na concepção de Bauman, elas sequer conseguem pensar na solução de seus problemas. O atual ambiente moldou a sociedade ao ponto de grande parte das pessoas perderam completamente o poder de decidir sobre suas próprias vidas.

O maior desafio da sociedade atual está em encontrar outra racionalidade que não seja a visão mercantilizada sobre todas as coisas. A retomada da importância e do poder institucionalizado se torna cada vez mais urgente. As escolas e universidades era atribuída a função de desenvolver um papel social de conscientização e crítica aos diferentes modelos de vida individuais, sociais, econômicos, políticos, entre outros, mas, infelizmente, nos últimos tempos parece que seu vínculo mais importante está na formação de profissionais para o mercado de trabalho e não para a vida social.

A universidade, em especial, distanciou-se ainda mais da sociedade. De forma mais abrangente ela parece não mais responder pelos princípios mais universais, pois tudo se transformou em mercado. Em decorrência, não tem se preocupado com a formação mais abrangente, interdisciplinar, mas com a formação voltada para o mercado de trabalho, como se o existir significasse ou estivesse apenas relacionado ao trabalho e à produção de bens para serem consumidos.

³ CHESNAIS, François. Capitalismo de fim de século. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Globalização e socialismo**. São Paulo: Xamã, 1997.

Nos profissionais formados pelas universidades parece existir cada vez menos compromissos comuns e ausência de alguns valores que sempre foram marcantes na vida coletiva, como, por exemplo, a ética. Eles precisam se formar nas universidades para terem um diploma e conseguirem um emprego para auferir renda ou ganharem dinheiro, muitas vezes, sem medir consequências, porque o mercado assim exige. Do ponto de vista social, o outro parece não existir; é também uma mercadoria. A educação, por sua vez, não é mais um valor social, também foi mercantilizada. As questões privadas se sobrepõem às questões públicas. A filosofia, sempre compreendida como a mãe das ciências, parece nunca ter existido, pois o mercado se apresenta como o referencial para toda a racionalidade. Os conhecimentos científico-tecnológicos que deveriam qualificar a vida e proporcionar prosperidade para todas as nações, nos países menos evoluídos, tem se tornado um divisor implacável entre ricos e pobres.

Enfim, são notórios o desconforto social, o mal-estar geral, o aumento da tensão social e a desesperança que este modelo está trazendo a parte das populações do mundo. Nesse sentido, surge, por força das circunstâncias, a necessidade de reforçar as discussões sobre que sociedade se quer e de que maneira se pode exercer a liberdade neste mundo globalizado. Que a liberdade não fique resumida, apenas, em atos de consumo. É necessário restabelecer o equilíbrio das fronteiras entre Estado, sociedade civil e indivíduo (mercado-sistemas privados), para que a prática da liberdade não se dissocie dos verdadeiros compromissos sociais. É preciso reforçar a luta pela democracia dos sujeitos contra a lógica dominante do sistema mercantil.

É nesse direcionamento, de maior compromisso social, coletivo, que se apresenta mais uma edição da Revista Professare. Ela se apresenta como um veículo dos Programas de Mestrados da UNIARP, Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade e profissional em Educação Básica, na divulgação da ciência, de saberes desenvolvidos por profissionais das diferentes áreas do conhecimento.

O primeiro número, das três edições de 2018, apresenta, inicialmente, a importante entrevista com Joviles Vitório Trevisol, um pesquisador comprometido com as causas sociais. Trevisol, nesta entrevista, na condição de Presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (FOPROP), além de outras funções que desempenha, fala sobre a importância do Fórum na

definição da Política Nacional de pós-Graduação expressa no Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), destacando que o “O Fórum participa hoje dos conselhos superiores das principais agências de fomento do país: CAPES, CNPq e FINEP”. Destaca ainda que “o Brasil conquistou, após muitos investimentos em infraestrutura em pesquisa e na formação de mestres e doutores, a 13ª posição no *ranking* da produção científica mundial”, entretanto, salienta que:

A publicação científica brasileira, [...] precisa desvencilhar-se do quantitativismo e centrar-se na relevância e no impacto. Mais que em qualquer outra época, o conhecimento é uma dimensão central do desenvolvimento dos países e das regiões. A ciência (básica e aplicada), a tecnologia e a inovação inscreveram-se como dimensões estruturantes do futuro. O conhecimento é, hoje, uma dimensão essencial à soberania nacional; é fator essencial ao desenvolvimento e promoção da melhoria das condições de vida da população. A justiça cognitiva (acesso e a apropriação social da ciência, da tecnologia e da inovação) é condição essencial para a justiça social, para a redução das desigualdades e para o desenvolvimento social e econômico.

O desenvolvimento da pesquisa não acontece sem financiamento, nesse sentido destaca Trevisol, que os cortes realizados no Brasil, nos últimos anos, são preocupantes.

O orçamento de custeio e investimentos em CT&I do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações passou de R\$ 8,4 bilhões em 2013, para R\$ 3,2 bilhões em 2017. O orçamento do CNPq passou de R\$ 2,182 bilhões em 2013 para cerca de R\$ 1,1 bilhão em 2017. A CAPES também teve redução orçamentária, retraindo de R\$ 5,55 bilhões em 2016 para R\$ 3,6 bilhões em 2018. [...] Os cortes desestruturam as equipes e as redes de pesquisadores, fragilizam os laboratórios e impactam negativamente a infraestrutura existente.

Na continuidade, Trevisol destaca também o sentido e a importância dos programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, especialmente a modalidade profissional para os mestrados e doutorados.

Os desafios para a modalidade profissional da pós-graduação não são pequenos. O principal deles é, seguramente, fazer com que a modalidade cumpra os seus fins acadêmicos e formativos com qualidade e relevância. Ainda há incompreensões (e confusões) acerca

do profissional.

A educação superior, em especial a graduação, há anos está sendo influenciada pelas tecnologias da informação e comunicação, criando a modalidade de educação a distância. Esta mesma modalidade também já foi instituída no Brasil, no *Stricto Sensu*, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), através da Resolução CNE-CES Nº 7, de 11 de dezembro de 2017, atribuindo à CAPES a competência de regulamentar a validação das propostas. Nesse sentido, salienta Trevisol: “A CAPES tem sido, ao longo das décadas, guardiã e promotora de políticas de qualificação de nossa pós-graduação. Esse mesmo cuidado e seriedade precisam estar presentes na regulamentação da EaD na pós-graduação *stricto sensu*”.

Não há dúvidas de que o teor desta entrevista é provocante e marcante neste momento importante da Pós-Graduação Brasileira, em especial, de uma política de desenvolvimento desta Nação. Ela estimula o leitor a buscar maior compreensão sobre o sistema, sua importância, assim como contribuí com a apresentação de dados pouco conhecidos, inclusive pela comunidade científica do Brasil.

Contribuindo com as análises deste editorial, o primeiro artigo, sob a autoria de Janine Felix Silva e Gleidenira Lima Soares, destaca a influência do neoliberalismo, por intermédio das agências internacionais multilaterais na estrutura educacional brasileira e o reflexo dessa influência no processo de formação de docente. O artigo traz importante contribuição ao relatar a influência das agências internacionais, como o Banco Mundial, nas instituições educacionais brasileiras, direcionando seus objetivos para a adequação da força de trabalho para as regras estabelecidas pelo capital internacional, além de omitir o verdadeiro interesse econômico transnacional nas políticas públicas educacionais dos países periféricos, nesse caso, do Brasil.

Com o título “Os limites dos corpos na sala de aula: uma dialética entre a educação e a escola secundária”, Valéria Sardi, da Argentina, destaca o estágio de docência, dos estudantes do curso de Letras, na graduação, no ensino secundário, como um processo importante de aprendizagem. O texto é mais uma importante contribuição para esta edição da Revista Professare. A autora expõe que o estágio de docência, denominado na Argentina de *residência*, é uma instância de intervenção nas escolas secundárias, onde a dimensão dos corpos e das corporalidades são vivenciadas, dando conta de diversas experiências

corporais em sala de aula. A partir de registros de aula e entrevistas de professores em formação - como no momento da entrada na escola, os professores em formação tornam-se conscientes de seu corpo em relação aos corpos dos alunos. É na relação de sujeitos, mesmo considerando seus limites, que se dá o processo de aprendizagem.

Dando continuidade aos processos formativos, no terceiro texto, com o título Formação Educacional e Identidade: estudo de caso junto a representantes de uma cidade do Meio-Oeste Catarinense, autoria de Sandra Mara Bragagnolo, Joel Haroldo Baade e Leonardo Passarin, é apresentada a análise sobre como a formação educacional está vinculada à construção de traços de identidade de uma população. Aqui, mais uma vez, é possível observar que os contextos moldam as percepções e interesses das pessoas. Neste caso a questão é saber como as gerações de imigrantes se preocupam com a formação educacional, relacionando-a a assegurar o futuro e garantir melhorias na qualidade de vida.

O cuidado com a vida é sempre um desafio. Ter formação que contemple estes aspectos pode ser um diferencial quando se trata de situação emergencial. Neste direcionamento, Elaine Caroline Boscatto e Angélica Wrublak, por meio do texto Conhecimento dos Professores de Educação Física sobre Primeiros Socorros nas Escolas de Santa Cecília-SC, destacam que acidentes e fatalidades acontecem em todas as circunstâncias da vida, entretanto, no âmbito escolar, situações de emergência fazem parte do cotidiano e é essencial que os professores de Educação Física, em especial, tenham domínio básico dessa prática porque na emergência podem salvar vidas.

A comunicação e a informação são aspectos marcantes das sociedades. Com o texto

Narratividade dos Fatos Passados e Presentes: compreensão epistemológica da História e do Jornalismo, os autores, Fernando Tadeu Germinatti e Tatiane Pereira Souza, destacam que tanto o jornalismo quanto a história impõem em seus relatos objetividade intrínseca ao processo de interpretação dos fatos.

Claudemir Aparecido Lopes, com o texto Pensamento Político em Giorgio Agamben, analisa como explorar a concepção política de Agamben sobre a política contemporânea, especialmente considerando seu livro: “Estado de Exceção”, cuja investigação apresenta a possibilidade de atenuação dos direitos de cidadania e o

enfraquecimento da prática da liberdade política e o processo de relação dos indivíduos no meio social através da redução das subjetividades autênticas. Suas análises constataam a transferência do mundo sacro, elaborado pelos teólogos católicos presente na modernidade, à política, cuja democracia moderna faz do homem (sujeito) tornar-se objeto do poder político.

Fortalecendo a dimensão interdisciplinar da Revista Professare, finalizando a seção de artigos, trazemos um importante relato de experiência no Curso de Administração. A autoria do trabalho é de Cátia Eli Gemelli, Geneia Lucas dos Santos e Adriana Paz Nunes. O texto, Casos de Ensino como Fomento de Ensino-Aprendizagem – relato de experiência no Curso de Administração, de certa forma, realça a preocupação inicial com relação aos saberes desenvolvidos nas universidades que se voltam, preferencialmente, para o mercado de trabalho. O relato das experiências se torna importante quando as próprias autoras destacam a necessidade de apresentar novas situações de tomadas de decisão, em equipe, com a participação de profissionais com diferentes perfis, que podem trazer outras perspectivas no aprendizado da administração que não seja apenas o viés do mercado.

Para finalizar esta apresentação, é importante retomar o pensamento inicial no sentido de se buscar outra racionalidade para os problemas contemporâneos. É preciso entender que é possível pensar no futuro sem o determinismo imediatista econômico mercantil.

*Ludimar Pegoraro
Caçador, SC abril de 2018.*